



MARTINS, Patrícia; ANGHEL, Golgona; GUERREIRO, Fernando (Org.). *Central de Poesia: a recepção de Fernando Pessoa nos anos 40*. Lisboa: CLEPUL/FLUL, 2011



“Todo poeta que escreveu no Brasil, durante os anos 1950, o fez inspirado em Fernando Pessoa”. A frase é de Cláudio Willer, que, fazendo parte do grupo de poetas mais atuantes dos anos 60 brasileiros, fala na condição de herdeiro das criações de Pessoa e na confluência de seus sucessores.

É sabido que nos anos 50, a recepção das obras de Fernando Pessoa, em várias partes do mundo, já se fazia importante. E nos anos 40? Tanto no Brasil quanto em Portugal, a notícia corrente é que neste período os poetas rejeitavam as novas incursões poéticas e se voltavam às formas clássicas. Para os dois territórios valia, também, um distanciamento da poesia de Fernando Pessoa. Mas como se dá, de fato, a recepção da obra pessoana na literatura portuguesa nos anos 40?

Este é o mote de *Central de poesia*, obra publicada pelo Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (CLEPUL). Investigando textos dos principais poetas do período, os colaboradores do volume *Central de Poesia* revelam o seu diálogo com a poesia pessoana, quer ele se mostre pela presença notável ou ausência eloquente da “marca” de Pessoa naquelas obras. A delimitação do período justifica-se por ser a década que aponta o início da publicação dos textos de Fernando Pessoa com *Poesias*, em 1942, por João Gaspar Simões e Luiz de Montalvor, para a Editora Ática.

Conforme refere Manuel Gusmão no prefácio de *Central de poesia*, Pessoa processou um “acidente geológico” (p.13). Avassalador como uma força da natureza, sua impressão forte é registrada nos sucessores por absorção, apropriação ou integração.

O livro abre com um texto instigante em que K. David Jackson estabelece uma tese sobre o surgimento dos heterônimos, a partir da diversidade de gêneros praticados pelo autor de *Mensagem*. O pesquisador declara que a revolução causada por essa constituição dos gêneros na obra de Pessoa teria o efeito de “rachar o átomo literário”, transformando todo o nosso conceito de autor (p. 23). Neste mesmo ensaio, Jackson ainda trata

o tema da influência como vista de longe, isto é, sem apreciar sucessores específicos ou casos determinados.

Outros dois ensaios abordarão a recepção do poeta sem tratar especificamente da sua obra. São os textos de Luís Dias Martins, que examina o contato de Pessoa com a África e o de Fernando Guerreiro, que trata de sua relação com o cinema. O primeiro declara que “o conjunto de textos de literaturas africanas do espaço em que se fala português, onde, eventual e cronologicamente, poderia ter havido influência de Fernando Pessoa, é um conjunto vazio” (p.167). Tecendo comentário muito lúcido sobre o comportamento das literaturas africanas no que tange à inexistente influência de Fernando Pessoa e à ausência de referências à África no texto pessoano, o autor considera tanto a posição dos poetas africanos, voltados para os temas de sua busca identitária, quanto o desinteresse de Fernando Pessoa pelas questões sócio-políticas dos povos da África. Diametralmente opostas, essas obras podem vir a encontrar ressonância, mas, conforme finaliza Luís Dias Martins, será com o Pessoa “de um tempo ainda a vir... se vier” (p.182). Em abordagem voltada ao aspecto estético, o segundo informa que Fernando Pessoa declarava não ter opinião sobre o cinema e que só em casos raros o considerava propriamente arte. Apenas nos textos de *Erostratus*, Pessoa aborda o tema mais diretamente, comparando o cinema à caverna de Platão, onde, em vez de apreciar o belo, o que temos é sua “cópia” (p.201). Fernando Guerreiro traz, porém, exemplos iluminados de como Pessoa adota em seus textos recursos cinematográficos, como “a influência do modelo de ‘montagem’ no método de (des)organização do material” da escrita (p.204). A obra de Pessoa carrega a rapidez da imagem cinematográfica, rapidez esta, que procurou encontrar especialmente nos poemas e que realizou em Álvaro de campos.

Os ensaios de Jerônimo Pizarro, Fernando Cabral Martins, Osvaldo Manuel Silvestre e Fernando J.B. Martinho trabalham textos críticos escritos sobre Pessoa por seus maiores interlocutores. O trabalho de Jerônimo Pizarro traz um apanhado das correspondências e uma

lista de publicações de diversos críticos de Pessoa. Pizarro faz referência à biblioteca pessoal do poeta – onde se encontram livros de seus primeiros herdeiros em Portugal: José Régio, Gaspar Simões, Torga, Casais Monteiro, Anselmo – e declara que, nos anos 40, a celebridade de Pessoa dependeu principalmente de seus contemporâneos Luiz de Montalvor e Armando Côrtes-Rodrigues. O ensaio de Fernando Cabral Martins demonstra como se dá a construção do mito Fernando Pessoa, que começa antes mesmo dos importantes textos publicados por ele na Revista *Presença*. Em 1921, logo depois de publicar a *Athena*, José Régio apresentou sua dissertação de Licenciatura pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, *As correntes e as individualidades na moderna poesia portuguesa*, em que teoriza sobre a definição de um Modernismo português. Fernando Cabral Martins baseará seu texto nesta primeira edição da dissertação, mas apresentará, ainda, Casais Monteiro e Gaspar Simões como figuras chave na construção do mito pessoano.

Oswaldo Manuel Silvestre aborda a relação com Jorge de Sena, que começa na adolescência. O pesquisador registra o encontro do jovem Sena com o Pessoa já publicado de *Mensagem*. Grande estudioso de Camões, Sena atribui a Pessoa a responsabilidade por sua constituição como autor moderno. O ponto alto do texto de Oswaldo Manuel Silvestre é a discussão sobre as divergências de Sena em relação à posição do poeta como um fingidor, adotada por Fernando Pessoa. O ensaísta refere o prefácio de *Poesia I* (de 1960), em que Sena repugna a parte do artifício, registrando, porém, meses mais tarde, que esta é a grande lição deixada por Pessoa, pois trata da “regeneração da natureza humana dividida em uma dialética da verdade e da mentira” (p. 70). Fernando J. B. Martinho trata da dualidade que se estabelece na presença de Pessoa entre os neorrealistas, considerando que há nesta relação uma “contradição evidente”, uma posição não hegemônica. Observa-se, entre os teorizadores iniciais do Neorrealismo, uma rejeição ao que consideram indiferença dos modernistas face às questões sociais. Já os poetas neorrealistas, em sua fase de formação, terão sido atraídos pelas inovações formais introduzidas pelos modernistas do primeiro e do segundo movimento. Martinho cita como exemplo a relação com Álvaro de Campos, cujo trabalho semântico e formal será de grande proveito para poetas como Joaquim Namorado, Mário Dionísio, Políbio Gomes dos Santos e Álvaro Feijó.

Na década de 50, os neorrealistas concentrariam suas baterias em Fernando Pessoa, tentando rotulá-lo como um poeta de classe ou descascá-lo para ver o que havia por dentro. Apesar dessa atitude, é inegável a influência pessoana entre os poetas do período neorrealista. Essa presença tênue, porém significativa de Fernando Pessoa é

revelada nos ensaios de Patrícia Soares Martins, Antonio Guerreiro, Tatiana Faia, e Fernando Pinto do Amaral.

Na análise que faz da obra do poeta Carlos de Oliveira, Patrícia Soares Martins constata que o diálogo com Fernando Pessoa, embora tardio, acontece como apoio à construção poética do “aprendiz de feiticeiro”. “Secreta e subterrânea”, esta influência evoca suas diferenças, na medida em que o autor neorrealista pensa o poema como “uma encomenda social feita ao poeta” (p. 120). Sua posição em favor da poesia testemunho não poderia situá-lo ao lado da pessoana teoria do fingimento. A ensaísta refere, porém, que se há alguma evidência da influência de Pessoa em Carlos de Oliveira, ela se manifesta na impessoalidade de seu eu lírico, forjado, pelo contato com Alberto Caeiro, na concepção dialética e cósmica da natureza. Assim como Carlos de Oliveira não aceita o fingimento, Sophia de Mello Breyner Andresen rejeita a despersonalização pessoana. Em seu estimulante artigo, Antonio Guerreiro declara que a poeta a entende como uma negação da vida. Para ela a poesia busca harmonia e conciliação, “uma comunhão ainda mais funda com a vida” (p. 125). O que a poeta encontrou em Fernando Pessoa foi a expressividade atual e viva da língua portuguesa, por isso, seus poemas, diversas vezes buscaram aquela voz, como na série que faz em homenagem a Ricardo Reis. Antonio Guerreiro cita Eduardo Lourenço para interpelar o leitor: “como poderia a maga do sentimento pânico e harmonioso do mundo encontrar-se com o dividido, a ausência feita voz, a multiplicidade sem centro, o viajante do anverso?” (p. 124).

Tatiana Faia detecta uma influência sutil de Fernando Pessoa na obra do antropólogo poeta Ruy Cinatti, a qual ocorre no encontro com a posição não aristotélica da poesia de Álvaro de Campos. E Fernando Pinto do Amaral afirma que, embora profundo admirador e leitor voraz da obra de Fernando Pessoa, Eugénio de Andrade precisou dar as costas ao mestre para encontrar sua voz poética. Para o ensaísta, “não existe praticamente influência direta dos textos de Pessoa sobre a escrita de Eugénio de Andrade” (p. 157). Pode-se avaliar, porém, que a presença de poemas como “O rapazito de York”, em que Eugénio de Andrade oferece “resposta” ao “Soneto já antigo” de Pessoa, sugere um diálogo de maior proximidade do que gostaria o próprio autor de “Branco no branco”. Esta e mais algumas escassas referências de Andrade a Pessoa, trazidas pelo autor do ensaio, registram a presença da “sombra pessoana” na obra de Eugénio de Andrade, embora até pareça ser um caso de influência que se manifesta mais pelas diferenças que pelas similitudes.

Por fim, dois instigantes artigos, o primeiro, de Américo Diogo e o segundo, de Golgona Anghel, dão mostras de como o tema da influência pode oferecer material importante para a análise da obra literária. Em

seu ensaio, Américo Diogo estuda as obras de Eugénio de Andrade e Mário Cesariny, enfocando a resistência dos dois poetas ao modelo Pessoa, ao mesmo tempo em que demonstra o diálogo de ambos com a poesia pessoana. A análise de Américo Diogo traz dois fortes exemplos de como a luta contra a influência pode produzir um contato forte e determinante da presença do precursor. O estudo de Golgona Anghel analisa a relação entre Mário Cesariny e Fernando Pessoa como reveladora de um deslocamento da questão da influência. Reproduzindo excertos dos poemas do surrealista, apresenta um roteiro da participação da figura de Pessoa em sua obra. Este percurso mapeia os primeiros depoimentos em revistas, no ano de 1923, quando Cesariny chamava atenção para a “função repressiva evidente” que Pessoa exercia na literatura portuguesa do século XX. A apreciação de Golgona Anghel passa pelas declarações de Cesariny em 1946, quando o poeta alertava para o perigo da canonização do criador de *Mensagem*. O ensaísta examina os textos de *Louvor e simplificação de Álvaro de Campos*, publicados em 1953 – onde Cesariny duplica os poemas do heterônimo, apresentando uma espécie de releitura, em que tenta dessacralizar o mito pessoano – indo alcançar os poemas e apontamentos da *Intervenção Surrealista*, de 1997. Segundo Golgona Anghel, o debate surgido da influência paradoxal de Pessoa sobre Cesariny irá “sacudir as familiaridades que temos com o texto

pessoano” (p. 142) determinando uma nova leitura para a obra de Pessoa, depois de lida por Cesariny.

Pelos textos de *Central de Poesia* é possível concluir que a influência de Fernando Pessoa entre os poetas portugueses, nos anos 40, se dá com a força potencializadora de seu estilo diverso e marcante. Daí que neste ano comemorativo da presença de Portugal no Brasil e do Brasil em Portugal, o modelo lançado pelos pesquisadores do CLEPUL, poderia ser praticado pelos ensaístas brasileiros para pesquisar a influência de Pessoa entre os nossos poetas, evidência já anunciada por alguns de seus nomes mais representativos. Leitura estimulante e registro significativo do movimento pessoano na literatura do nosso tempo, a *Central de Poesia* oferece novas perspectivas para pensarmos a presença avassaladora desse fingidor, revolucionário, desbravador, mito, negativo, cânon, antiaristotélico, complexo, transformador, dividido, admirado e despersonalizador, o “indisciplinador de almas”, o “viajante do anverso”, Fernando Pessoa.

MIRES BATISTA BENDER

Doutoranda PUCRS/CAPES

Recebido: 12/08/2012

Aprovado: 20/09/2012

Contato: mires@brturbo.com.br